

DOIS TEXTOS DE ANIBAL MACHADO

— A milionária apareceu salva no tamanco engalanado donde explodiram duas aves para o sol. O orgulho do olhar cheio de bandeirolas fincadas no mar. Nenhum sinal de que as águas baixarão. Ninguém para formar o carro das aclamações devidas.

Isolamento da milionária.

E as jóias! Ninguém se lembra? Oh! Mas o sol brilha tanto que no corpo dela vai nascer uma opala.

A impaciência noturna roeu as unhas desde que o crepúsculo começou daquela maneira.

Ô milionária, a água barrenta cobriu os cassinos onde ficaste para sempre. Pensas que a terra se refaz? Eu para mim estou que é suicídio. Ainda se houvesse aquela lavanca. Do quarto da costureira pode-se apreciar o trabalho de Nick-Carter.

Quando dirão “terra”?

Milionária, vai preparando as unhas, porque custa. Em cada minuto centenas de vidas serão sacrificadas. Todas com a melhor vontade.

Prometo que há de aparecer tudo direitinho. Incrível é repetir a terra, repetir a terra... Vício.

Pois desça as cortinas se a incomoda dizer com os olhos “água... água... água...”.

O bico do cisne que desceu da lua minguante vem na certa colher a pérola do teu pescoço.

Depois virão os mergulhões.

Depois, os marrecos.

Desordem mesmo vai ser quando os peixes carregarem para o fundo o teu coração, milionária, e o teu corpo andar como os galhos barrentos, correndo atrás dos dias, diante dos ventos...

ANÍBAL M. MACHADO (1927)

Mulher que não acaba

a Prudente de Moraes Neto

— Entra, para ver. Abre bem os olhos. Há muitos anos uma mulher está apodrecendo ali na borda da banheira. Para que perguntar se ela está contente ou se está triste?

Depois da resolução irrevogável ela nunca mais responderá a ninguém e se deixará apodrecer até o fim do século sem fazer uso do sorriso. Tão perfeito é o seu corpo, que os três reis chegarão direitinho junto ao mármore da banheira, dispensando as estrelas. Não é possível dormir, minha mãe, enquanto a mulher estiver ali e outras guerras muito sangrentas não se declararem. É preciso derrubar as árvores para que não atirem folhas na água parada e nem perturbem a obra que um outro Deus que nasceu está realizando no alto dos telhados. O corpo já começou a esverdear à revelia dos amantes. É preciso também afastar as crianças, abrir os salões, os teatros e as fábricas. Fazer com que andem os navios, gritem as multidões. Deixar que o mundo funcione outra vez, porque, enquanto isso, os homens vão se distraindo. A mulher ainda não pediu que eles viessem aplaudir das tribunas improvisadas a mutação imperceptível de seu corpo. Ela está mesmo indiferente. As linhas se conservam firmes e ainda servem para consolar os imigrantes. Eu nem sei se a tua palidez vem do heroísmo da mulher ou da beleza de seu corpo. Nunca se viu apodrecer com tamanha dignidade.

(1930)